

A HISTÓRIA COMO FONTE DE ENSINAMENTOS DAS ESCOLAS ALEMÃ E SOVIÉTICA

General **IRAPOAN POTYGUARA,**

da Reserva de 1ª Classe, Breveté pela Escola Superior de Guerra de Paris.

Esse trabalho é uma síntese dos apontamentos tomados nas conferências feitas pelos Coronel **CARRIAS** e Major **ANDOLENSKO** da Escola Superior de Guerra de Paris.

Pelo simples enunciado acima verifica-se a impossibilidade de em algumas linhas tratar de assunto tão vasto.

O estudo da exploração da História por uma dessas Escolas constituiria assunto suficiente para um livro, de modo que nas linhas que se seguem procurar-se-á dar uma ligeira idéa, de como cada uma das Escolas, de acôrdo com a formação, mentalidade e espírito do seu povo procuram tirar da História os ensinamentos, já que ela continua a ser o seu manancial inexgotável.

Enquanto o aspecto filosófico e científico dominou o estudo da História pelos alemães, os siviéticos ativeram-se à parte realística e prática.

O estudo da História pelos alemães foi grandemente influenciado :

Pelo caráter científico que lhe atribuíram ;

Pela filosofia de Kant com os seus imperativos ;

Pela dialética de Hegel, já adotada por Kaarl Max nos estudos econômicos ;

Pelas idéias fatalistas, difundidas por Treitcke e Lamprecht, que dominaram com as suas tendências prussófilas e germanófilas, antes da 1ª Guerra Mundial.

A História assim influenciada teve um lugar importante na forma-

ção das doutrinas do moderno exército alemão.

Considerando que a atividade do homem abrange o conhecer, o agir e o renovar, o estudo da História lhes permitiram conhecer e revelar no que se relaciona com o passado, que os homens tinham também renovado.

Os alemães completaram esse conhecimento fornecido pela História com elementos próprios, oriundos deles mesmos e produziram as diversas doutrinas de guerra que adotaram.

O ponto de partida foi a catástrofe de 1806, quando Scharnhost fixou o método utilizando com base de estudo, os dados históricos da batalha.

Moltke mostrou a maneira como devia ser aplicado o método, as normas que traçou foram renovadas por Schiliefen e pelos oficiais que permaneceram à frente do exército depois de 1918.

As fases da evolução da doutrina alemã podem ser definidas como se seguem :

1º. O nascimento da doutrina de Scharnhost a Clausewitz ;

2º. A aplicação da doutrina por Moltke ;

3º. A renovação após Moltke.

Na primeira fase foi adotado o método histórico de Frederico II.

Depois da guerra dos sete anos, a Escola de Postdan codificou a maneira de agir de Frederico.

Para obter a vitória êle se inspirou nos dispositivos de Epaminondas em Leutres e Mantinéia, que permitiam uma concentração de meios numa de suas alas.

O êxito dependia da rapidez e da surpresa, quando essas foram realizadas, êle obteve sucessos, como em Rosbach e Leuthen, no caso contrário, como em Kolin e Daun, foi o revés que sofreu.

Nessa primeira fase os generais que influíram com o seu saber e personalidade nos métodos em uso foram Scharnhost, Gnoisenau, Boyen e Clausewitz.

Scharnhost foi o primeiro a propor reformas no método de Frederico e apesar de inimigo dos franceses, estudou-os com objetividade. Empreendeu a reforma intelectual do exército prussiano e organizou-o para a guerra. Para isso era preciso conhece-la profundamente e dar-lhe o lugar que devia ocupar na História.

Como a guerra é uma disputa entre homens, estudou a natureza humana. Procurou libertar os oficiais de tôdas as falsas crenças.

O exercício preferido era o estudo das últimas batalhas, pois a História constituia a base dos ensinamentos sem entretanto deter-se na contemplação do passado.

O oficial devia ter personalidade, desenvolve-la fazendo apêlo ao bom senso. Era necessário certamente conhecer, mas agir e renovar.

Gneisenau sucedeu-lhe à frente do exército prussiano. Êle tinha segundo as suas próprias palavras "Uma concepção precisa da guerra que repousava sobre o resultado dos seus estudos históricos".

Suprimiu dos trabalhos de Estado-Maior os hábitos rotineiros e a ignorância que aí se tinham introduzido.

Boyen organizou o exército prussiano em 1814 e 1815 tendo em vista a guerra. Êle compreendia desde o tempo de paz, não só o Estado-Maior do tempo de guerra, como as grandes unidades que deviam en-

trar na composição do exército mobilizado.

Quem mais influenciou a doutrina do exército prussiano, não só pelo tempo que permaneceu à frente da Escola Geral de Guerra (1818 a 1830), como pela sua capacidade de observação e estudo foi Clausewitz.

A doutrina de Clausewitz está codificada no seu livro "A Guerra" publicado depois da sua morte.

Êle é realista e define o que é a guerra no seu conjunto.

Após estudos históricos, onde foram apreciadas mais de 100 campanhas, concluiu que a guerra sendo uma atividade humana ela é baseada nas fraquezas do homem e portanto deve-se agir de maneira a levá-las em consideração.

Constatou também nos seus estudos que a guerra é a continuação da política. Recorre-se à força desde que a política revela-se impotente para alcançar os fins que tem em mira, porém esta subordinação não deve ser cega, mas levar em consideração que existe interdependência entre a política e a estratégia.

Clausewitz estudou as novas formas de guerra introduzidas pelos Generais da Revolução e Napoleão. Êle pesquisou os elementos da conduta das operações e concluiu:

— o elemento determinante é o inimigo em vez do terreno;

— as informações sobre o inimigo sendo na maioria das vezes contraditórias e fragmentárias, instituiu a lei das probabilidades;

— a defensiva é a forma mais forte de guerra.

Essa última conclusão foi a mais infeliz e contestada por Von Der Goltz que constatou que só a ofensiva permite obter resultados decisivos. Precisou muito bem que o fim das operações é a batalha geral com caráter decisivo, travada com todos os meios e com tôda audácia.

SEGUNDA FASE

APLICAÇÃO DA DOCTRINA

A doutrina de Clausewitz corresponde para o pensamento militar,

a ação de Kant na filosofia feita de observação e de apreciação pessoal, ela mina o nacionalismo dos dogmáticos no qual ela substituiu o subjetivismo, o empirismo e o pragmatismo.

A aplicação dessa doutrina apresentou aos oficiais alemães um problema que Moltke solucionou sob a forma de uma verdadeira lição de cousas.

Como sempre a História desempenhou um papel importante e a ela se referindo dizia: "É preciso que o estudo da História nos faça aproveitar a experiência dos outros".

Moltke conhecia perfeitamente Clausewitz e costumava citá-lo com frequência. Pensava também que o passado e o presente encerravam apenas uma parte do que é necessário ao homem de ação para agir e renovar.

O método de trabalho de Moltke vai permitir avaliar a importância que dava à História.

A política exterior da Prússia foi estudada levando em conta todas as hipóteses que podiam acarretar um conflito.

As três guerras nas quais a Prússia tomou parte foram estudadas e preparadas por ele. A guerra contra a França foi estudada e preparada em 14 memórias escalonadas de 1858 a 1870. Elas serviram de base aos estudos do Estado-Maior relativos à preparação do Exército para a guerra e à repartição das forças entre os teatros de operações ativos e o interior. A conduta das operações devendo preceder a primeira batalha geral, estimava que uma previsão de execução não podia ser feita além dessa batalha, uma vez que não se podia saber qual seria o desfecho.

O problema do inimigo foi objeto de estudos especiais, porquanto já existia a lei das probabilidades, como também a noção de reconhecimento de Frederico. O dinamismo desta noção tinha desaparecido apesar dos esforços de Scharnhorst.

É preciso procurar informações do inimigo a todo o instante, porque ele tem vida, age, manobra e

modifica, a todo o momento, a sua situação.

O chefe deve agir e só pode fazê-lo em relação ao inimigo, porém entre o momento em que deu ou recebeu ordens e o momento de executá-las o inimigo pode ter modificado a sua situação.

O chefe subordinado que busca sem cessar informações sobre o inimigo, deve no momento de executar a missão verificar, se as previsões adotadas pelo seu superior não foram ultrapassadas pelos acontecimentos, se foram, ele deve tomar sob a sua responsabilidade, o problema resolvido pelo Chefe.

Eis a característica essencial do Comando alemão, ela reside não na liberdade, mas na obrigação do Chefe subordinado que sem desprezar o fim geral que o superior tem em mira, adaptar à missão que lhe foi confiada a situação na qual ele se encontra.

A importância da História era reconhecida quase que unanimemente na Alemanha. O programa do estudo da história militar de 1868 reproduzido em 1888 tinha como objeto analisar "as causas e o encaminhamento dos fatos, ocupar-se do comando e ressaltar o espírito da guerra nas diversas épocas".

Condenou-se assim a crítica de descrédito, puramente negativa e substituiu-se por uma crítica positiva e objetiva, semelhante em muitos aspectos a das ciências experimentais.

TERCEIRA PARTE

RENOVAÇÃO DA DOCTRINA

Os sucessos de 1866 a 1870 não entusiasmaram os alemães. Eles não permaneceram na contemplação do passado, como os prussianos. Desde 1871 empreenderam a renovação, sempre com os olhos voltados para a História.

Estudando o passado e procurando nele o que havia deixado a desejar, chegaram aos dados da batalha de encontro.

Revendo o inimigo, verificaram que os movimentos, ações e manobras só são úteis, reais e eficazes

quando realizados em relação a êle. Só se pode saber onde está o inimigo indo ao seu encontro, a fim de esclarecer ou reconhecer, com isso foi restituído o dinamismo da noção de Reconhecimento de Frederico.

O chefe deve informar-se e cobrir-se, essas duas noções de Reconhecimento e Segurança aparecem distintamente no Regulamento de 1887 data da concepção do método de comando do moderno exército alemão.

O chefe reconhece o inimigo, precisa por meio das informações recolhidas a situação na qual êle se encontra, examina a sua missão, verifica se corresponde a situação do momento em que recebeu as ordens, e decide se deve ou não modificá-la.

Eis a noção de Reconhecimento distinta da de segurança modificando a missão.

Podeis compreender agora, porque o Gen. Von Kluch agiu em setembro de 1914, antes e durante a batalha do Marne e porque não lhe foi dirigida qualquer recriminação.

O grande renovador foi o General Schliffen, os seus estudos foram baseados na História.

Os dois mais importantes livros da sua lavra são: "Frederico o Grande" e "Canne". O primeiro constitui assunto nacional prussiano e é o fundamento da tradição intelectual do exército alemão, o segundo, sua obra mais notável, rememora desde a mais remota antiguidade os episódios mais notáveis, principalmente os do tempo de Frederico e Napoleão.

Êle analisa as batalhas e verifica que as decisivas foram aquelas em que o inimigo foi derrotado completamente.

Schliffen considera Frederico superior a Napoleão. Enquanto aquele manobra nas proximidades do campo de batalha êste o faz com antecedência de muitos dias, mesmo de muitas semanas.

Para Moltke o ideal consistia na reunião de elementos separados no campo de batalha. A maioria dos Comandantes em Chefe repudiam êsse proceder e reúnem as suas fôr-

ças antes da batalha, abandonando assim o resultado decisivo e contentando-se com resultados parciais e algumas vezes sem sucesso.

Schliffen afirma que a superioridade do comando alemão tem a sua origem no livro de Clausewitz "A Guerra", livro que formou tóda uma geração de soldados célebres.

Schliffen chegou assim a concepção da batalha geral de aniquilamento e constatou que só a destruição total do inimigo dá a vitória. Êle concebeu, como nas condições do século XX, com exércitos de milhões de homens essa batalha deve ser preparada e conduzida.

Tendo estudado na História as ações onde os resultados desejados tinham sido alcançados, instituiu a maneira de operar para obter no futuro os mesmos resultados, levando em conta a evolução efetuada.

A História é a restituição do passado, restituição ativa e dramática, depois intervem a escolha, dela retêm-se certos episódios ou abandonam-se outros, precisa-se a situação do momento em função das incessantes transformações efetuadas no curso da vida, atividades dos homens em todos os domínios, intelectual, científico, material, econômico, industrial, para depois determinar-se o modo da ação que se adotará e que se conduzirá.

Ê assim que se fica permanentemente em contacto com a realidade, passada, presente e futura, mas que se domina, se escolhe e se dirige.

A luta de mais de quatro anos sustentada pelos alemães na 1ª guerra, mostrou que o Comando alemão sempre dominou. A derrota foi devida a política que continha em si o germe de uma coalisão mundial, mas militarmente o seu comando não foi dominado.

Depois da derrota os alemães voltaram-se para a História e julgaram os seus erros: não ter utilizado a totalidade dos homens aptos para o serviço, o que poderia ter aumentado de seis Divisões o efetivo na batalha do Marne, não ter organizado desde o tempo de paz grandes unidades de cavalaria, não ter estimado convenientemente o poder das regiões fortificadas, ata-

cando Verdun, ter descurado os carros.

Isso foi o principal, porém a doutrina era boa. A iniciativa reconhecida ao Chefe, as duas noções de reconhecimento e segurança, a batalha de aniquilamento foram mantidas.

Os alemães arientaram os seus estudos sobre as grandes e pequenas unidades, baseando-se principalmente no histórico dos regimentos. Dêles foram tirados os elementos para a formulação dos temas, cujo esboço e métodos de apresentação são os mesmos dos livros de história. Jamais abstração, nem esquema, nem simplificação, nem convenções, mas sempre a realidade, com as suas imprecisões, lacunas e desastres.

Eles prosseguiram nas pesquisas históricas, mas não se detiveram nela para não serem ultrapassados pelos acontecimentos e assim renovaram a doutrina com a concepção do emprêgo dos carros e dos aviões, sem nenhum limite das suas possibilidades, em vista da batalha geral de aniquilamento, que repousa na colaboração de todas as armas no campo de batalha. E foi o desmoronamento da Polônia, depois Sedan e Dunquerque, em junho de 1940.

CONCLUSÃO

A atividade do homem concentra-se em três termos: Conhecer, Agir, Renovar.

A falta de conhecimento é grandemente prejudicial. É reservar-se as maiores surpresas e desde que se trate de guerra, as maiores desilusões.

Os alemães estudaram a fundo o problema da guerra e tornaram-se os mestres incontestáveis do campo de batalha, devido ao seu comando.

O mundo, duas vezes, mobilizou as suas forças para bate-los.

Eles estudaram a realidade da guerra. A realidade e a História tiveram um papel preponderante.

Era preciso uma história viva, verídica, uma restituição realística do que foi. Mas isso não era suficiente. As famosas lições da experiência não são nada em si, ficar aí, refazer o que foi feito conduz a cristalizar, ficar imóvel no tempo e se deixar ultrapassar pelos outros.

Depois de Scharnhorst, os alemães compreenderam essa verdade, depois de século e meio eles têm sabido agir e renovar.

Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S.A.

Agência do Rio de Janeiro

RUA VISCONDE DE INHAÚMA, 134-C — CAIXA POSTAL, 1239
END. TEL. "RIOINCO"

Gerência, 23-0556 — Subgerência, 43-1112

Contadoria, 23-2329 — Cobranças, 43-9780

RIO DE JANEIRO

ABRA UMA CONTA NO "INCO" E PAGUE COM CHEQUE

(N. 6)

"BARRAGEM ATRAVESSADA"

Ainda é fértil messe de sadios exemplos de destemor e consciência do dever em presença do inimigo no ataque ao CASTELO, o feito que hoje registramos.

Tratava-se de cobrir o flanco Oeste do 1º escalão do III BATALHÃO, do REGIMENTO SAMPAIO, galhardamente conduzido por duas de suas CIAS. DE FUZILEIROS (Caps. ARNIZAUT e FARAH) duramente hostilizados por espigões que o flanqueavam naquela direção.

Dessa missão é incumbido um PELOTÃO DA CIA. RESERVA (Capitão AMADEU), sob o comando do Ten. GUINEMÊ. Lesto, sob fogo terrível, havia já o Pelotão vencido largos trechos do terreno, em busca do objetivo que lhe fôra determinado. Súbito, desencadeia-se, precisamente à frente do pelotão, ajustada barragem de morteiros, detendo-lhe a progressão momentaneamente. O Ten. GUINEMÊ, porém, consciente que a presença de seus fogos se fazia urgente, porque era necessária na cobertura do hostilizado flanco de seu BATALHÃO, não vacila e se lança para a frente com seu Pelotão transpondo com decisão a barragem que pretendia impedir-lhe o cumprimento do dever! Vários bravos tombaram, porém o Pelotão chegou ao seu destino e cumpriu a missão!

Bravos, PELOTÃO GUINEMÊ! É assim que combate o SOLDADO BRASILEIRO e é com a consciência do dever no cumprimento da missão recebida que o conduzem seus Oficiais!

Bravos, Tenente GUINEMÊ!

(Soldado! Este o teu Regimento, Maj. Nelson R. Carvalho)



Apresente sua identidade e leve no mesmo momento a mercadoria escolhida. Tudo em 10, 15 ou 20 pagamentos mensais.

Procure a "CASA NENO" num dos seguintes endereços, de acôrdo com a sua conveniência:

Rua Sete de Setembro, 145 — Tel. 43-2215 e 43-9134 (Matriz)

Rua Buenos Aires, 151 — Sobrado — Tel. 43-7778

Avenida Passos esquina Presidente Vargas — "Esquina da Casa Neno" — Tel. 43-6905

Rua República do Líbano, 7 — Tel. 22-4590

Em Madureira: Rua Maria Freitas, 110 (loja própria)

Em Niterói: Rua da Conceição, 47

Na Penha: Largo da Penha, 59-C.

Rádios, Geladeiras, Televisão, Pianos, Líquidificadores, Ferros de engomar, Toca-discos, Enceradeiras, Ventiladores, Relógios, Bicicletas, Máquinas de lavar, Aspiradores e demais artigos elétricos, Máquinas de costura, Máquinas fotográficas,

Motocicletas, Máquinas de escrever

Um mundo de coisas ao seu dispor